



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

O JORNAL VALOR ECONÔMICO TROUXE UM INTERESSANTE DIAGNÓSTICO DAS DEMOCRACIAS NA AMÉRICA LATINA.

O ESTUDO, DENOMINADO BARÔMETRO DAS AMÉRICAS, É UM PROJETO DESENVOLVIDO PELA UNIVERSIDADE VANDERBILT (EUA) E FOI REALIZADO A PARTIR DE ENTREVISTAS COM 29.256 PESSOAS.

O RESULTADO É A INCIDÊNCIA DE UM CERTO GRAU DE INTOLERÂNCIA COM AS MANIFESTAÇÕES DE OPOSIÇÃO AOS GOVERNOS.

OS PAÍSES DA REGIÃO AINDA ESTÃO MUITO DISTANTES DE ATINGIR OS CONSENSOS SOCIAIS E POLÍTICOS.



Fonte: revista Eu & Fim de Semana, jornal Valor Econômico, 25/26/27 de janeiro de 2013; Mario Vargas Llosa, in: Sabres e Utopias

BARÔMETRO DAS AMÉRICAS O jornal Valor Econômico, em sua revista Eu & Fim de Semana, trouxe um interessante diagnóstico das democracias na América Latina. O estudo, denominado Barômetro das Américas, é um projeto desenvolvido pela Universidade Vanderbilt (EUA) e foi realizado a partir de entrevistas com 29.256 pessoas na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai e Venezuela. O resultado é a incidência de um certo grau de intolerância com as manifestações de oposição aos governos. Isso significa que os latino-americanos têm-se mostrado menos inclinados a admitir os opositores e têm também um desinteresse por ideias contrárias. A pesquisa, realizada em 2012, indica uma queda na tolerância política e uma indisposição com opositores ao governo.

INTOLERÂNCIA Vale lembrar que em 2013 a América Latina será palco de, pelo menos, cinco ou seis processos eleitorais de âmbito nacional: Paraguai, Chile, Argentina, Equador, Honduras e, possivelmente, Venezuela. É interessante saber que apenas o Paraguai e o Chile apresentaram bons níveis de tolerância. Os analistas dizem que não é incomum, na América Latina, que os próprios governos sejam responsáveis por alimentar esta intolerância.

EQUADOR O Equador, por exemplo, é o segundo mais intolerante da região, à frente apenas de Honduras, país em grave crise econômica e política. A liberdade de expressão é o direito que os apoiadores de Rafael Correa menos querem partilhar com aqueles que discordam da linha do regime. Existe hoje, no Equador, uma cruzada contra a imprensa promovida pelo governo.

REPÓRTERES SEM FRONTEIRAS A organização não governamental Repórteres Sem Fronteiras informa que mais de uma dúzia de veículos de comunicação equatorianos, críticos ao presidente, encerraram suas atividades entre janeiro e setembro de 2012. Segundo o professor da Faculdade Latino-americana de Ciências Sociais, Simón Pachano, "(...) o conceito de democracia de Correa se reduz ao triunfo nas eleições. Não está presente aí o enorme componente liberal da democracia contemporânea, que garante a discordância, o pluralismo e a alternância".

ARGENTINA Para o professor da Universidade de Buenos Aires, Miguel de Luca, na Argentina, a política se polarizou desde a chegada dos Kirchners ao poder, e as preferências dos cidadãos se dividiram em duas partes, de posições irreconciliáveis: "(...) uma divisão desse tipo tinha sido registrada há várias décadas, com a chegada de Perón, em 1946".

VENEZUELA Na Venezuela, o presidente se encarregou de dizer, em longos pronunciamentos pelo rádio, que todo aquele que não o acompanha é inimigo da pátria, é um traidor, e todos os que fazem oposição são pagos pelos EUA. Na avaliação de Flavia Freidenberg, diretora do Instituto Ibero-americano da Universidade de Salamanca, na Espanha, esta não é uma situação de democracia plena, "(...) parece que são regimes híbridos, nos quais há instituições democráticas, mas algumas práticas não são totalmente democráticas (...) no que toca ao exercício do poder de forma republicana, há muito por fazer".

BRASIL No Brasil, os entrevistados para o Barômetro das Américas atribuem à democracia todas as mazelas da corrupção. O professor do Instituto de Ciências Políticas da UnB, Lucio Renó, acredita que a execução das penas do Mensalão e o julgamento do Mensalão mineiro, que envolve membros de outras correntes políticas, podem aliviar o peso crescente que a corrupção impõe sobre a avaliação que o brasileiro faz da democracia nacional. Renó entende que a impunidade gera uma sensação de descrença e instabilidade. Na sua percepção, esses julgamentos e a execução de suas penas poderão ser positivos para a democracia no Brasil. Diferentemente dos demais países da América Latina, onde o principal problema é de caráter econômico, entre os brasileiros, os principais problemas são violência, corrupção e saúde.

SISTEMAS PARTIDÁRIOS FRACOS "A democracia latino-americana sofre de falhas de concepção: a combinação entre presidencialismo, representação proporcional e sistemas partidários fracos e fragmentados são uma receita para a paralisia". Esta é a avaliação de Michael Reid, da revista The Economist. Reid entende que o Estado democrático, tanto central como em nível regional, muitas vezes não tem capacitação técnica e o combate à corrupção e ao abuso de influência e de poder é uma batalha interminável.

REFORMAS Michael Reid acredita que as sociedades latino-americanas que se tornaram mais igualitárias, menos pobres e mais classe média, querem saúde e educação de melhor qualidade. Querem também policiamento, infraestrutura avançada e o fim da corrupção. Segundo ele, essas reivindicações exigem mudanças que só poderão vir com reformas políticas e uma oposição forte.

TENTAÇÕES UTÓPICAS No prefácio ao livro "Sabres e Utopias", de Mario Vargas Llosa, Carlos Granés escreveu: "(...) Embora o clima atual na América Latina apresente menos turbulências do que nas décadas anteriores, os países da região ainda estão muito distantes de atingir os consensos sociais e políticos (...) mas as tentações utópicas continuam a ser um vício incontrolável da mentalidade latino-americana. Os paraísos perdidos – o bíblico, o bolivariano, o indigenista, o peronista, o guevarista, o castrista, o pinocherista – continuam alimentando expectativas em todo o continente".